

RELIGIÃO E PÁTRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 16

QUINTA FEIRA 12 DE FEVEREIRO DE 1863

1.ª SERIE

GUIMARÃES 11 DE FEVEREIRO.

OS FRADES.

Senhores apóstolos do tolerantismo, já que toleram com tão boa vontade todos os crimes, tenham a bondade de tolerar também a virtude.

J. A. DE MACEDO.

Quando a revolução devastava este bello paiz, quando a mais barbara intolerancia politica sacrificava ao furor dos bandos sediciosos os seus contrarios, a palavra frade fazia estremecer de horror aos homens da liberdade fraticida. Hoje não é assim. As nações recuaram diante da sua propria obra, reconheceram seus erros inspirados por um louco enthusiasmo, e proclamaram a necessidade dos frades para o coração e para a intelligencia. A Inglaterra tem frades, a França tem frades, a Hespanha frades tem. Porque os não tem Portugal?

Pois não dizeis que este paiz já vai na vanguarda da civilisação?

Pois não proclamaes ahí a liberdade para tudo? Quereis associações em todos os ramos da industria e não admittis associações para o espirito e para o coração; para a sciencia e para a religião? «Se o governo não tem direito de impedir que muitos individuos se reunam para uma empreza industrial ou commercial, se se concede ao cidadão plena liberdade de fixar a sua residencia, aonde bem lhe parecer, se se permite ás familias reunirem-se aonde lhes aprouver, comtanto que estas reuniões não offendam a moral publica nem os interesses particulares, com que direito podeis prohibir que alguns homens se reunam no retiro para orar e exercer as obras da religião e da penitencia? Se estes homens respeitam a propriedade, que vos importa que elles vivam de esmolas ou do trabalho de suas mãos? É preciso que o desamor da patria e o odio á religião tenha transformado inteiramente as idéas, e plantado no espirito prevenções extremamente injustas, para que seja preciso insistir sobre verdades tão simples e tão claras ao mesmo tempo. Que a cubia se pavoneie com riquezas immensas, que recorra a todos os meios para as adquirir, comprehendemos nós; que um governo arrastado pela tempestade revolucionaria, cego pelo frenesi da impiedade sirva de instrumento a paixões ignovéis, também se concebe perfeitamente; mas que depois de passada a embriaguez do primeiro momento, depois de um desengano solenne de mais de trinta annos, haja quem se obstine em um systema de negação e de desconfiança condemnada pelos costumes de todas as nações catholicas e até protestantes, que em nome da liberdade se opprimam as consciencias e se insultem as crencas religiosas do povo portuguez, é isto uma aberração incomprehensivel, um despotismo insensato, uma perseguição sem motivo e sem pretexto».

A revolução pelas consequencias naturaes dos acontecimentos veio esclarecer vivamente os factos consumados: desmentiu a calumnia, revelou as intenções criminosas, fez ver o segredo de todas as reclamações sobre os immensos bens do clero e sobre a relaxação introduzida nos conventos; a revolução deixou cair a mascara.

Aonde estão os bens dos frades? Que proveito tirou d'estes bens a nação portugueza? Que diminuição resultou nos impostos? Qual é o ramo das nossas riquezas nacionaes, que estes thesouros vivificaram? Que necessidades se satisfizeram, que dívidas se

pagaram, que infortunios se alliviaram com estes recursos? Respondei-nos, mas não nos caracteriseis em politica, porque esse recurso é ridiculo á força de estafado. Nós não temos outra politica que não seja o verdadeiro amor da religião e da patria.

«Duas grandes necessidades se fazem sentir na época actual — a necessidade de retiro para os homens aborrecidos do mundo e a necessidade de soffrer as paixões populares. A sede de prazeres, que devora o nosso seculo causa bem depressa o aborrecimento e o desgosto; o espirito cae em prostração e no abatimento, e, para cunulo de desespero, é consumido e como que destruido por uma litteratura, que ás suas influencias immoraes, junta o grave defeito de não ter entranchas. Hoje fingem-se com impudencia factos, que não existem, exaggera-se o mal, apouca-se o bem, desfigura-se tudo. Inutilmente o homem se entrega a novos prazeres para distrahir o pensamento e alliviar o coração; todas as molas generosas estão quebradas. O mundo ri-se de suas victimas, entrega-as a todo o horror da sua sorte, e depois de tudo lhe terem sacrificado, a honra, a fortuna, a felicidade e a intelligencia, diz a estas victimas desgraçadas «suicidai-vos». A religião, lhes diz «fugi do mundo, que vos abandona, ide chorar os vossos erros e desvarios no secho da solidão e lá achareis o caminho do céu». A religião tem uma linguagem mui diversa da do mundo para alliviar as nossas dores e as nossas misérias.

O homem no secho do claustró, no exercicio da oração e na pratica da virtude, reanima-se com um novo sopro de vida, o céu já brilha para elle com esplendor mais vivo. Este recurso é melhor do que o do suicidio; o desgraçado evita d'este modo um grande crime, a deshonra á familia e uma perda á sociedade. E quando mesmo o claustró não offercesse outras vantagens, estas seriam sufficientes para demonstrar a sua utilidade. Nós não vemos na vida religiosa só a sua virtude sublime e a sua sublime poesia; vemos n'ella o futuro da sociedade e o engrandecimento das letras e das sciencias.

A civilisação moderna, fundando-se na liberdade de todos os homens, destruiu a escravidão na Europa, depois de a atacar nas colonias. Isto foi um beneficio immenso. Mas como atalhar aos perigos, que traz consigo este beneficio? Como satisfazer ás necessidades, que resultam d'estas novas condições sociais? Os antigos, prevendo a difficuldade de governar um grande numero de homens, que gosassem da liberdade civil, recorreram ao mais simples de todos os expedientes, privaram da liberdade civil o maior numero dos homens usurpando o direito de empregar em seu proveito o suor d'estes desgraçados.

O christianismo não atacou directamente a escravidão, mas lançou vistas de compaixão sobre um estado tão contrario á dignidade humana. Resultou d'aqui, que a escravidão foi desaparecendo com o desenvolvimento do christianismo. Na nossa sociedade a classe dos proletarios succedeu á classe dos escravos. Mas ha esta differença, que os escravos recebiam de seus senhores o vestido, o sustento e tudo o necessario, tanto no estado de saude, como no estado de doença — e os proletarios são obrigados a procurar tudo isto pelo seu trabalho ou a pedir-o á caridade publica. O senhor, que possuía muitos centenaes de escravos, devia ter grandes cuidados na sua conservação por interesse proprio, porque estes escravos faziam a sua fortuna. A sociedade estava por conseguinte livre d'este peso, que repousava sobre o interesse particular do proprietario.

Livre da escravidão, a classe dos proletarios se vê

forçada a lutar contra as difficuldades da sua situação; os ricos não têm um interesse immediato em sustentar um numero determinado de individuos; basta-lhes que em certas circumstancias lhes não falem braços para os seus serviços. D'aqui provém que o trabalhador, entregue aos seus proprios recursos, que consistem unicamente no seu trabalho, é victima da miséria, quando não tem que fazer. A crise algodoeira ahí está fallando por nós. Ora este estado de cousas, olhado pelo lado economico, traz consigo os males graves inconvenientes, porque demanda meios de subsistencia superabundantes para acudir ás necessidades dos pobres em qualquer occasião.

O trabalho deve ser continuado e além d'isto sufficientemente recompensado, para o sustento do trabalhador e de sua familia, condições estas sujeitas a innumeraveis eventualidades, e que nós vemos fallar a cada passo, lançando na miséria aquelles, cuja existencia depende do cumprimento simultaneo d'estas condições.

Mas o christianismo não considera as cousas por um lado puramente material. Aos olhos da religião o homem é mais do que uma machina propria para o trabalho; é um ser feito á imagem e semelhança de Deus, destinado á suprema felicidade. Todos os filhos de Adão são irmãos, não só porque derivam do mesmo tronco, mas principalmente porque tem o mesmo Creator, o mesmo Redemptor, o mesmo fim ultimo. D'este principio nasce um complexo de obrigações, tanto para o individuo como para a sociedade: o homem não deve permittir que os seus irmãos soffram fome, sede e nudez; deve soccorrel-os nas suas necessidades quanto lhe fór possível. A esmola é pois uma verdadeira obrigação; não é sancionada pelos tribunaes da terra, mas é certo que a falta do cumprimento d'este dever ha-de ser no tribunal de Deus um dos principaes pontos de accusação.

As obrigações da sociedade não são menos graves, nem menos rigorosas; a sorte dos infelizes não pode ser abandonada ao acaso da circulação das riquezas; o legislador deve ter em alta consideração as eventualidades extraordinarias, que podem produzir calamidades publicas. Por conseguinte só os azylos de caridade christã podem obstar aos graves males, que alligem a classe dos proletarios.

Na crise algodoeira o governo francez teve de olhar seriamente para a classe dos trabalhadores, que morriam de fome, e entre nós foi mister recorrer á publica caridade. E aonde se realiza em toda a plenitude a caridade, senão nos conventos? Os frades não gastavam só consigo as suas rendas sabiamente administradas; mas sustentavam milhares de familias, e o pauperismo não causava os males, que hoje causa á sociedade.

Eram azylos abertos para qualquer eventualidade. Quantas familias ha em Guimarães, que ainda recordam com lagrimas os beneficios quotidianos, que recebiam dos frades da Costa, de S. Domingos, dos Capuchos etc.? E que vantagens para o Estado? Como os conventos lhe acudiam com dinheiro em qualquer necessidade? D'este modo a miséria, que reina na sociedade em despeito do grande desenvolvimento das riquezas e de tantos outros progressos, fica remediada pelas inspirações generosas da caridade christã, realisada sublimemente nos conventos dos frades.

E as sciencias? Como floresceram ellas sobre a influencia do claustró? Livres do tumultuoso procelloso do mundo, os frades entregavam-se com secho ao estudo das sciencias, e alliviavam mundo com suas luzes. — Que ramo ha ahí que os frades não cultivassem? Que profundas obras nos não legaram em

historia, em philosophia, em sciencias naturaes, em theologia e até em nautica?! Estas considerações dar-nos-hiam materia para volumes, e já nos temos alargado de mais.

Oxalá que haja alguns deputados, amigos da religião e da patria, que apresentem um projecto para a reorganisação de algu nas ordens religiosas em Portugal contemplando a questào por esta face, que nos parece a mais apropriada ás necessidades e ao caracter da epocha actual.

Correu ali transcripto em quasi tola a imprensa o relatório apresentado nas camaras pelo sr. ministro de r. no. relativo aos successos do Minho em Setembro de 1862.

Abstivamo-nos de transcrever esse famoso documento, que os nossos leitores já de certo tiveram occasião de ler, mas não nos julgamos agora dispensados de emitir sobre elle algumas breves e ligeiras considerações.

Este celebre relatório, em que os factos se narrram a gosto d'um governo faccioso, que pretende encobrir a sua inaptidão, e o seu desprezo pelas leis que nos regem, veio pôr as claras para os que ainda podessem hesitar na opinião que deviam formar d'elle, que um tal governo, que sophista decretos d'amnistia, que suspende as garantias constitucionaes n'um districto, quando já tinham cessado as causas extraordinarias, que poderiam motivar este uso de poderes discretionarios, que deporta para Africa soldados sem processo, e que commette toda a casta de tropelias e actos inconstitucionaes, embora tenha nas camaras o apoio d'uma maioria tão facciosa como elle, tem perdido todo o prestigio na opinião sensata e illustrada do paiz, e não pode continuar na gerencia dos negocios publicos, sem que a nação passe por um grande vexame e por uma grande vergonha.

Neste celebre relatório, em que a gente anda á cata da verdade, que todo o districto de Braga e todo o reino sabe, o sr. ministro do reino, não nos diz que se abusou da palavra real que tinha promettido clemencia, para mais facilmente poder cevar-se a ira

que a amnistia para os revoltosos foram ás prisões e o exilio; não nos falla nos pobres sargentos que estiveram prezos a bordo dos navios, e na torre de S. Julião, e a quem foram depois dadas guias para as terras de sua naturalidade, para onde foram, esmolhando o obulo da caridade publica; não nos falla finalmente em muitas outras cousas, que o paiz inteiro sabe, e que foram praticadas por essa occasião.

Sentimos que a camara não tivesse a independencia bastante para repellir com altivez este revoltante cynismo d'um governo, que, depois de assim escarnecer da moralidade e do decoro, teima obstinadamente em conservar-se no poder.

Mas desenganem-se que o *dies iræ* ha-de chegar; não se caça impunemente com o decoro e brios do povo portuguez.

O *Vimaranense*, periodico de *crenças definidas e caracter seu*, veio na terça feira tolo tuful, todo perfumado lançar-se contra os pobres redactores da *Religião e Patria* que, segundo elle, escrevem *de tamancaes e em mangas de camisa*. E' notavel!

Este arrebitado *campeão* da imprensa, que passa a vida a tocar sanfona, repetindo sempre a mesma peça, d'esta vez, para surprehender e arrebatat os leitores, quiz metter em um compasso de semifusas tudo quanto por vezes tem tocado em compassos de maximas e longas; o andamento é novo para elle, mas para nós tanto o andamento, como a harmonia dos sons, é antigo. O que nos surprehendeu a nós, e de certo surprehendeu os leitores pela novidade, foi a modinha que elle cantou ao som da sua sanfona.

Abi vae a letra:

«Em politica, como em tudo mais, prefere o bom ao mal.»

Realmente é admiravel!

Se preferir o erro á verdade, a revolução á ordem, o malhete ao sceptro, a humanitaria maçonaria ao catholicismo, e Satanaz a Christo, é preferir o bem ao mal, o *Vimaranense* cantou admiravelmente.

Lê-se no *Vimaranense* da 27 de Janeiro:

Um *desembargador*! — O desembargador Alvaro de Carvalho Moreira Pinto, Prior da Ajuda em Belem, escreveu-nos uma carta da qual se depreheude que o nosso jornal fita *pensosamente* sentindo a diminuição d'uma *religiosa assignatura!* !..

O sr. desembargador diz-nos na sua carta de despedida — «que preferre divertir-se com a leitura das grações — e mesmo resal-as todos os dias — publicadas pelo «Amigo da Religião», a inspirar-se na leitura devota e tão minuciosa das exequias maçonicas celebradas pelos CC. RR. e outros» (!!!)

O sr. Alvaro é um eminentissimo... ratão — Ouviu os cântos *marcosos* da «Religião e Patria» e plagiando, gorgoea os ultimos soccorros da infeliz.

Desejavamos ter novo conhecimento do sr. Moreira. Em outros tempos sabiamos nós que s. ex.ª dava o cavaquinho *pelo cavalleiro Faublas* e outros *auctores* e que não se recusava a explicar *praticamente* o que lia, em face dos maiores sacrificios! Mas hoje a cousa é outra!

bargador conhecido da «Religião e Patria» e forçoso era inscrever o seu nome na seara *vermelha* da sciencia obscurificada.

Fallem por nós os dois documentos, publicados no n.º 13 da «Religião e Patria» de que é auctor o desembargador alludido.

Nós damos-nos por muito satisfeitos com a carta do sr. Alvaro, porque não é um assignante que se nega á recepção do nosso jornal; — perdemos apenas a consideração d'um..... {desembargador!!.....

Quem devassou a vida privada do sr. Moreira?

Quem calumniou?

Quem falsificou?...

Sr. *Vimaranense*, tenha mão em si.

Lembre-se que á força de se cobrir de infamia pode desaparecer de todo, e não ser mais visto por pessoa alguma, principalmente se esta tiver alguma honestidade.

DISCURSO PROFERIDO PELO SR. DEPUTADO PINTO COELHO, NA DISCUSSÃO DO PROJECTO DE LEI DE REFORMA DO ENSINO, NAS SESSÕES DA CAMARA DOS DEPUTADOS DE 14, 16 E 17 DE MAIO DE 1862.

Sessão de 14 de Maio

(Continuação).

Em politica ha direito de seguir opiniões differentes; e podem as differentes parcialidades transigir umas com as outras, porque é a rasão de cada um quem lhe dicta a sua politica; e a rasão pode variar, pode enganar-se, pode errar.

Mas em religião — não ha o mesmo motivo pa-

Lê-se na *Religião e Patria* de 5 de Fevereiro:

O *Vimaranense* de sexta feira parece lutar com as agonias da morte. Papel sem crenças e sem character, ontem opposição, hoje governamental, amanhã absolutista ou republicano talvez, dá um documento heia triste da sua ineptia na resposta á carta do sr. Moreira. Arroja-se furioso contra o digno parcho d'Ajuda por lhe retirar a sua assignatura e por discordar das suas opiniões! Pretende devassar-lhe a sua vida privada e esquece todas as leis de cortezia de um escriptor publico.

Que liberdade é a vossa que tanto apregoaes? Pois não estará um vossó assignante no direito de deixar de assignar a vossa folha porque as suas doutrinas lhe desagradam? Pois não admittis no homem a perfectibilidade?

Não consentis que o homem reconheça os seus erros e se emende? Queréis que o homem permaneça sempre no mesmo estado? Conhecemos o vossó *liberalismo* egoista, conhece nos que sois *liberaes*, mas em absurdos, em ineptias, em calumnias e em desvarios que podem com-

ciidade.

ra a dúvida. Não andamos ainda em busca da verdade. A verdade achou-se já. A verdade foi dita — foi revelada por Deus: e Deus não engana, nem podia enganar-se.

O que Deus disse é a verdade: nada mais, nada menos do que a verdade.

Sobre esse ponto não ha que discutir; não ha em que hesitar; não ha sobre que transigir.

A Religião revelada é a palavra de Deus: e a palavra Divina é a propria verdade.

Que duvidem ainda os povos nascidos fora do seio, fora da luz do catholicismo, comprehende-se, e bem.

Mas nós, sr. presidente, que nascemos em um paiz em que essa Religião Sancta é proclamada, desde seculos, como Religião do Estado; que desde o berço fomos instruidos e educados n'ella; que a comprehendemos, que a abraçamos, que a professamos, em toda a extensão de seus preceitos divinos — nós declaramos aberta, e solemnemente que nos pontos definidos por essa Religião não duvidamos, não hesitamos, não discutimos, não transigimos, não recuamos nem um passo.

Eu bem sei, sr. presidente, que nem para todos a revelação poz fim á discussão.

Vimós discutir o christianismo no seu começo; combatel-o, perseguil-o, martyrisal-o até, em suas conquistas victoriosas; e vemol-o hoje ainda guerreado, umas vezes abertamente, outras hypocrita e solapadamente, mas sempre tenaz e vigorosamente.

Nem entrou nunca nas vistas do Redemptor tolher aos homens a liberdade de lhe abraçarem, ou não, a verdade augusta da revelação.

Previu pelo contrario que muitos se perderiam por lh'a recusarem; e do alto do Golgotha chorou a sorte miseravel d'esses.

Chorando-os todavia, tractou de premunir a sua Igreja, contra os erros e attentados dos maus.

E para que a Religião sacrosanta não podesse em nenhum tempo degenerar, nem confundir-se com as igrejas reprovadas; dotou-a de um caracterisco, que compete só e exclusivamente á verdade — o caracterisco da *unidade*.

a mesma. Os erros pelo contrario multiplicam-se incessantemente, e variam de dia para dia, de natureza e de forma.

Por isso Deus, não contente com revelar-nos a verdade da Religião sancta, que professamos, dotou-a ainda de um *centro de unidade*, que em todos os tempos, em todas as coisas, inspirado e amparado por o proprio Deus, separasse a verdade dos erros, e a levantasse acima das duvidas dos tempos, e do embate das opiniões.

Esse centro, sr. presidente, é o primado de S. Pedro.

Tu es Petrus (disse Deus) et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam.

O Pontificado é por tanto a pedra angular do edificio divino.

Quem estiver com o Pontifice, está com a Religião sancta e verdadeira; quem se separar d'elle, separou-se da Igreja revelada.

Apartaram-se de Roma os erros de Luthero, de Calvino, e de muitos outros; mas a verdade ficou em Roma. O edificio divino permaneceu intacto, inhabalavel, sobre a pedra angular do Pontificado (apoiados):

Espantae-vos de que quando tudo muda; quando tudo se agita; quando se entende que todos podem tudo; quando do alto da tribuna, do alto da imprensa, do alto do governo se proclama a *omnipotencia parlamentar*; o Pontifice responda com um modesto — *non possumus* — ás exigencias da reforma!

E não vedes que n'essa *impotencia sancta* está o proprio caracterisco da verdade?

Não vedes que para *conservar* intacta a verdade da Religião sancta é que Deus fundou o Pontificado?!

Porque as constituições politicas tem saído sempre defeituosas, e imperfeitas das mãos dos homens, e de dia para dia demandam novas reformas; pertendeis reformar tambem a Igreja fundada, constituida e revelada por Deus?!

Temerario arrojo! Cegueira desmarcada!

Que tem de commum a intelligencia do homem, com a intelligencia divina?!

Ignorae que a Religião revelada saiu logo perfeita e completa de seu divino auctor?!

Ignoras que nos sagrados princípios, que a constituem, está remédio para todas as eventualidades, que as diferenças dos tempos possam suscitar: e que a todas se póe, e deve occorrer dentro da esphera dos mesmos princípios, e sem que a verdade deixe de ser *una* só, e immutavel, como o seu proprio auctor?!

Curvae, senhores; curvemos todos a cabeça ante essa *immutabilidade* divina, que é esse o caracter especial, augusto, inimitavel da Religião Sancta que professamos.

Quantas seitas tem nascido do primeiro erro? Quantas reformas da primeira reforma? Quantas rebeliões da primeira rebelião?

E Roma sempre a mesma! E Roma sempre abraçada com os princípios augustos da revelação sancta! E Roma sempre acatada, sempre venerada e sempre obedecida no seio mesmo das revoluções e das machinações dos seus mais declarados inimigos!

Dominado o espirito do século do desejo illimitado da innovação, parece-lhe mal que só Roma fique sempre a mesma.

Mas não considera que é esse caracter *immutavel*, é essa *unidade* constante, que nos revela a mão de Deus na edificação sancta do templo augusto, a que serve de base o Pontificado.

Lamento, sr. presidente, que estas verdades não tenham sido sempre acatadas na discussão que nos occupa.

Ouvi... e não só ouvi, mas li, no relatório da minoria da comissão frases inteiras que exprimem a a negação d'ellas.

(Continua)

Do «Tribuna Popular» periodico que se publica em Coimbra, transcrevemos os seguintes documentos, relativos ao ill.^{mo} sr. Francisco do Amaral, capitão do batalhão de caçadores n.º 4.

Como o sr. Amaral conta n'esta cidade um grande numero de amigos, julgamos que nos seria levado em boa conta o dar-lhes conhecimento, de como as apreciaveis qualidades, que ornão a pessoa do sr. Amaral, são bem galardoadas com os mais honorificos diplomas.

Ill.^{mo} sr. capitão Francisco d'Amaral, commandante do destacamento d'infantaria 9, de guarnição n'esta cidade.

A comissão municipal, se se limitasse a cuidar dos interesses materiaes, só compriria uma parte do seu importante mister; a moralidade e philantropia não podem deixar de merecer a attenção e cuidado de uma boa administração municipal; e se esta attenção é um dever, tambem não o é menos o registrar os factos consummados de humanidade. A comissão municipal cumpre hoje este dever, e cumpre-o com a maior satisfação; assim ella podesse dispôr de condigno premio.

O acto de philantropia praticado no dia 11 de novembro por v. s.^a e os officiaes superiores e soldados do destacamento 9, accetando á mal afortunada padeira as rações de pão deterioradas pelo fogo e pela agua na occasião do incendio, não pode deixar de ser lembrado e agradecido em nome dos habitantes d'esta cidade.

E permitta v. s.^a que lhe diga, que a comissão municipal avaliou devidamente o acto em que v. s. teve a primeira e principal parte.

Em verdade a proposta da infeliz padeira, como v. s.^a disse, cheio de d'emoção, aos officiaes inferiores e soldados — «vinha acompanhada de lagrimas» —; mas as lagrimas de nada valeriam, se os sentimentos de humanidade não realçassem entre brios militares dos seus subordinados, como em v. s.^a

A estes sentimentos, que adornam a vida militar, é que se deve o acto; e o official distincto, já por sua educação e intelligencia, que os soube despertar, bem mereceu da sociedade.

Acceite v. s.^a e todo o destacamento do seu commando, em nome do municipio, esta sincera homenagem á verdade.

Coimbra 4.º de Dezembro de 1862.

Francisco Fernandes da Costa — Presidente
João Lopes de Souza.
Antonio José Alves Borges.
Fructuoso José da Silva.
Cesario Augusto d'Azcedo Pereira.
Francisco Antonio de Miranda.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. presidente da ex.^{ma} commissão municipal de Coimbra.

Se eu possuise expressões que bastassent para bem exprimir quanto o meu coração sente, significaria condignamente á ex.^{ma} commissão municipal de Coimbra, de que v. s.^a é dignissimo presidente, o quanto lhe sou infinitamente agradecido.

O testemónio honroso com que a ex.^{ma} commissão municipal se dignou obsequiar-me, e para mim de subido apreço pelo muito que valem os seus signatarios; e guardo-o como honorifico diploma civico.

Permitta Deus poder sempre prestar-me a praticar actos de philantropia e humanidade, caracteristicos dos dignos habitantes d'esta cidade; e a ser tão feliz, quanto o fui na occasião em que entornei no coração dos bons officiaes inferiores e soldados do regimento d'infanteria n.º 9, as lagrimas d'uma mal afortunada, despertando-lhes sensibilidade.

Digne-se a ex.^{ma} commissão municipal de Coimbra querer accetiar os meus mais vehementes agradecimentos, pelo honroso titulo, que se dignou endereçar-me em nome dos illustrados habitantes, que representa; e de crer nos protestos da minha gratidão, assim como, pela liberdade dos seus fóros constitucionaes, na lealdade militar de

Francisco d'Amaral, capitão do destacamento de caçadores n.º 4.

Coimbra 4.º de Dezembro de 1862.

REVISTA DOS JORNAES.

EXTERIOR

ITALIA.

Em o numero passado demos á noticia de ter havido em Roma no dia 18 de Janeiro uma manifestação de amor, dedicação e respeito, feita ao Summo Pontifice pelo povo romano. Neste dia celebra a igreja a festa do anniversario da entrada de S. Pedro em Roma, onde estava decretado pelos, infalliveis designios da Divina Providencia, ser fundada a sede do imperio de Jesus Christo muito antes figurado no prodigioso sonho de Nabucodonosor, explicado pelo propheta Daniel.

Nenhum outro dia podia dizer-se mais proprio para uma tal manifestação, a qual não se limitou somente ás entusiasticas aclamações. Em jornaes que recebemos depois da publicação do nosso numero passado, encontramos a noticia de que no mesmo dia appareceram affixados nos pontos mais frequentes da cidade cartazes com as inscrições seguintes:

«Tu és Pedro e sobre esta pedra eu edificarei a minha igreja. — Larga vida a Pio IX nosso legitimo soberano. — Larga vida aos defensores do poder temporal do Papa.»

Eis aqui como o povo romano responde aos embustes e mais improperios dos inimigos do Santo Padre.

— «A Gazette de L'Europe», de Francfort diz o seguinte:

Haverá tres semanas que mr. Oddo Russell, agente diplomatico de Inglaterra junto á corte de Roma; solicitou de Sua Santidade uma audiencia particular; que lhe foi concedida, e na qual o agente ingliez leu um extenso despacho do seu governo, em que confidencialmente lord Russell propunha a Sua Santidade para bem da igreja Catholica e da pacificação da Italia, o retirar-se com a corte pontificia para a ilha de Malta na qual deveria esperar o momento mais favoravel para regressar a Roma com toda a segurança e depois de obter as mais completas garantias de respeitabilidade por parte do governo piemontez.

Lord John Russell punha para este fim, á disposição do Pontifice, o palacio do governador d'aquella ilha.

O Papa respondeu negativamente, dizendo: apesar de me considerar bastante modesto, reconheço todavia que sou mais competente que o lord Russell para julgar e apreciar o que se torna mais necessario aos interesses da Igreja catholica; e que estava resolvendo a esperar os ultimos decretos da Providencia; junto dos tumulos dos Apostolos; e que por essa razão não devia nem podia abandonar o posto que lhe tinha sido confiado.

A congregação do Index condemnou o livro á pouco publicado por Michellet intitulado «A Féliceira»; e o jornal «Il Mediatore», que dirige o padre Passaglia. Sua Santidade acaba de conceder o bethre cardinalicio a um moço beneditino francez, o rd.^o padre Pitra, que visitou todas as bibliothecas da Europa, e que é o primeiro hellenista do mundo, e um sabio cujos conhecimentos e erudição fazem pasmar; e, além de tudo isto, é de uma humildade e mansidão que tocã no sublime.

Segundo os documentos publicados por ordem de Pio IX, em 1862 foram martyrisados no imperio annamita 16:000 christãos e 20:000 escravizados.

A commissão do parlamento de Turin, enviada a Napoles para estudar as causas da guerra civil, declara, não obstante ser muito parcial, que em dois annos de dominio piemontez tem havido sete mil fuzilamentos, e que dez mil cidadãos gemem encarcerados.

Ainda não é appetivel o estado em que se acham o territorio napolitano. Alli, não obstante a lue lidas de todo o rigor empregadas pelo governo piemontez e autoridades subalternas, continua a existencia de humerossas partidas de homens armados em favor de Francisco II. Na mesuta cidade de Napoles appareceram no dia do anniversario daquelle infeliz principe paquins affixados nas esquinas com mortas a Victor Manuel e aos piemontezes, e vivas ao rei e á sua dynastia.

Tambem se encontrou pelas ruas granfle porção de pequenas medalhas de metal com flores de liz gravadas.

Descubriu-se tambem na mesma cidade uma sociedade secreta muratista, do que resultaram muitas prisões de pessoas importantes.

Na Sicilia, desappareceu totalmente a segurança individual. Alli apunhada-se frequentemente, e os assassinios succedem-se.

Em Turin persegue-se a imprensa que não é do Agrado do governo e dos revolucionarios. A *Unità italiana* de Bolonha, a *Nová Europa* o *Defensor Catholico* o *Observatore Napolitano* a *Verce*, a *Stampa napolitico* acabam de soffrer ruinosos sequestros.

Sabe-se que Garibaldi tornará a começar na proxima primavera uma nova campanha.

A *Gazeta de Verona* afirma que Mazzini embarcou no dia 15 de Janeiro em Lionie com direcção a Caprera para visitar Garibaldi.

FRANÇA.

A mensagem da resposta ao discurso do imperador foi approvada no Senado por 221 votos contra um.

Na resposta ao discurso os deputados approvam a politica do imperador.

PRUSSIA.

O rei da Prussia recusa receber a resposta da camara dos deputados ao discurso da coroa, approvada por 225 votos contra 68. Recusa-se que isto dá motivos a graves complicações.

RUSSIA.

São varias as noticias acerca da insurreição na Polonia, no entanto ella ainda existe, e o governo russo emprega os meios para a reprimir.

REVISTA NOTICIOSA.

Rapinagem. — Consta-nos, que os empalmadores, que em aultado numero correram de todas as partes á feira da Lixa, desenvolveram alli uma rapinagem extraordinaria.

A uma sr.^a do logar de Rabello, freguezia de Vazziella, concelho de Felgueiras, roubaram 16 libras, e tratándose depois de indagar quem seriam os empalmadores d'ellas, chegou-se ao conhecimento, por intervenção e a diligencia d'uma pessoa d'esta cidade ami a da familia da dita sr.^a, que o roubo tinha sido feito por uma *heroína* d'esta terra, a qual já entregou 14 libras, e pela qual se soube que eram em n.º de 29 os empalmadores que alli appareceram.

Ao sr. administrador da localidade cabe grande responsabilidade n'esta rapinagem por não empregar a conveniente vigilancia sobre os empalmadores, que, segun lo nos informam, são useiros e veseiros em affluir ás feiras d'aquella localidade.

Polícia municipal. — É robória a falta de policia empregada pelos zeladores municipaes na vigilancia do cumprimento do código de posturas.

Por toda a parte e a toda a hora se vê despejar para as ruas água com má cheiro; por toda a parte se vêem canchotos impedindo ou embaraçando o transitio; em muitas partes se vêem vases nas janellas, com imminente risco de maltratarem os transeuntes; por toda a parte e em tudo se vê finalmente descurada a policia municipal, em perfeito menosprezo do código de posturas, e da commodidade dos habitantes d'esta cidade.

D'uma casa sabemos nós, na qual mora uma aliás digna auctoridade de policia, d'onde a toda a hora se despejam para a rua aguas immundas e fetidas, que têm feito da rua um foco de infecção, e que fazem passar os vizinhos por o aere incommodo de soffrerem continuamente, apesar das repetidas instancias e avisos que têm sido feitos ao inquilino, os cheiros pestiferos d'aquella estagnação constante.

Pedimos á Ill.^{ma} camara e especialmente ao sr. Fiscal se sirva empregar mais zelo e vigilancia no desempenho dos seus deveres, para não dar occasião a estas justissimas queixas, que não são só nossas, mas de toda a população d'esta cidade.

Baile de mascarás. — Foi domingo o primeiro baile de mascarás no theatro.

A casa estava singela e elegantemente adornada; e apenas se nota que a iluminação a petrolina não produzia o effeito que era de esperar.

Appareceram alguns mascarás, mas notava-se pouca animação e pouco espirito em todos.

Se os bailes que ainda tem de haver não forem mais animados, podemos dizer que o carnaval está a passar de moda em Guimarães.

Bazar de prendas. — A commissão encarregada de promover um segundo bazar de prendas em beneficio do «Asylo de Santa Estephania», parece que já deu começo aos seus trabalhos, para poder colher d'elle um resultado não inferior ao que se colheu no anno passado.

Esperamos que as nossas damas, em quem sobrepuzja o verdadeiro espirito de caridade evangelica, não hão-de faltar com a sua coadjuvação e apoio aos trabalhos da commissão, para que possamos em breve ver inaugurado com prosperos auspicios este piedoso estabelecimento.

Necrologio. — Deu-se sabbado á sepultura, na egreja do convento das «Capuchinhas» o cadaver do r.^{mo} sr. José Soares Machado, virtuoso sacerdote que vivia nesta cidade.

A uma febre escarlatina, que já o tinha no leito ha alguns dias, sobreveio-lhe uma apoplexia, que o fez succumbir em poucos momentos.

Consignamos aqui o nosso voto de saudosa consideração ao levita que deixou por ahí vestigios indeleveis de sua virtude acrisolada, e pedimos aos nossos leitores que murmurem conosco sobre a campa do finado: *Requiem aeternam dona ei, domine, et lux perpetua luceat ei.*

Outro. — Falleceu na quinta feira a ex.^{ma} sr. D.^a Emilia da Gloria, religiosa do convento de Santa Clara, n'esta cidade.

Era uma sr.^a de elevadas virtudes, dedicada, desde menina, ao serviço de Deus, no mosteiro onde era religiosa.

Purgatorio — Reappareceu o periodico, que ha tempos se publicou com este mesmo nome, e de que é proprietario e principal redactor o nosso patricio e amigo o sr. João Gezar Pinto Guimarães, ex-redactor e proprietario do «Diario do Povo».

Desejamos ao novo collega longa vida de fortunas.

Camaras — Foi já votada na camara dos snrs. deputados a resposta ao discurso da corôa, sendo rejeitado o additamento do sr. Fontes por 77 votos contra 51.

Obteve por tanto o governo uma maioria de 25 votos.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

ARCHIVO JURIDICO.

PERIODICO MENSAL DE NOTICIAS JUDICIARIAS E LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESSE TANTO ANTIGA COMO MODERNA.

EDITOR — J. L. DE SOUSA.

Publicou-se o n.^o 17 da 2.^a serie que contem:

Legislação sobre novos pesos e medidas e sobre o peso valor e toque da nova moeda d'ouro e prata, segundo o systema decimal;

Decreto de 18 de julho de 1855, que suprime os juizes ordinarios nas cabeças de comarca

Os snrs. assignantes das ilhas dos Açores e mais possessões ultramarinas, que quizerem reformar a sua assignatura, podem fazel-o, mandando o importe em estampilhas de 25 ou de 50-reis. O preço da assignatura do Archivo Juridico, tanto para o continente como para o ultramar, sendo enviado franco de porte, é o seguinte.

1.^a serie (dous volumes)..... 2\$300

2.^a « (n.^{os} 1 a 24, inclusivè — 2 ditos).... 2\$880

Para fora do Porto não se tomam assignaturas por menos de 12 numeros, que custam, com os portes á nossa custa..... 1\$440

Os numeros avulso para fora do Porto, sendo enviado pelo correu, e francos de porte, custam 150

Remettem-se a quem os pedir, em carta franca, enviando o seu importe em estampilhas.

Vende-se tambem nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Braga e Vianna.

O Archivo troca com todos os jornaes politicos e litterarios, e annuncia todas as publicações de que lhe mandarem dous exemplares.

O Archivo Juridico além de um noticiario do que durante o mez, tiver occorrido de mais importancia, relativo ao foro judiciario, publicará tambem em dia e de modo que se possam encadernar em separado — *Os Acordãos do Supremo Tribunal de Justiça* — e os do *Conselho d'Estado* — a contar do primeiro de Janeiro de 1863.

O numero 18 conterá, além do Noticiario a

Legislação sobre o recrutamento maritimo.

ANNUNCIOS.

BERNARDINO Carneiro Gerales de Vasconcellos, esrivão d'ante o juizo de direito da comarca de Vianna do Castello:

Faço saber que por este juizo e meu cartorio, e a requerimento do fallecido João d'Alpoim da Silva Menezes, hoje do tutor nomeado José Mendes Ribeiro, d'esta cidade, e a instancia tambem do curador geral dos orphãos n'esta comarca, se procedeu á averiguação summaria acerca da prodigalidade e desordenada administração de Miguel d'Alpoim da Silva Souza e Menezes, residente que foi n'esta cidade, por sentença do merittissimo juiz de direito d'esta comarca, com data de 17 do corrente mez, foi o mesmo summariado julgado em estado de prodigalidade; e por isso em observancia do disposto na Ord. liv. 4.^a tit. 103.^o § 6.^o, se annuncia que ninguem venda, compre, nem faça algum outro contrato, de qualquer natureza, ou condição que seja, com o mencionado Miguel d'Alpoim da Silva Souza e Menezes, na certeza de que serão havidos como nulos e de nenhum effeito.

Vianna do Castello, 19 de Janeiro de 1863.

O ESCRIVÃO,

(26) B. C. Gerales de Vasconcellos.

Manoel Dionizio, official de diligencias d'este juizo, faz publico que, de hoje em diante, deixa de ser official, e se encarrega de tractar de quaesquer causas ou negocios forenses n'esta cidade, ou em outra qualquer parte; e por isso quem quizer encarregar o annunciante de qualquer negocio póde dirigir-se a sua casa, numero 9, no largo das Lages do Toural, d'esta cidade. 28

THEATRO

DE

D. A. H.

Grande baile

DE

MASCARAS

NOS DIAS — 15 — E 17 — DE FEVEREIRO

PREÇOS DE CAMAROTES

1. ^a 2. ^a ordem (frente) para tres noites...	3\$840
— Avulso.....	1\$500
1. ^a 2. ^a ordem (lados) para tres noites...	3\$000
— Avulso.....	1\$200
3. ^a ordem (frente) para 3 noites.....	2\$500
— Avulso.....	1\$000
3. ^a ordem (lados) para 3 noites.....	1\$800
— Avulso.....	720

PLATEA

Mascaras..... 120

Sem mascara..... 200

Os bilhetes acham-se á venda no Terreiro de S. Francisco n.^o 6.

O theatro achar-se-ha decentemente adornado e illuminado a gaz.

N.B. Nos camarins do theatro alugam-se dominós e vestidos em caracter preços commodos.

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 1\$200 rs. — com estampilla 1\$450 rs. — 25 numeros 600 rs. — com estampilla 725 .sr — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesses particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annuciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silveira.